Para OAD, DLA
e SSA: o futuro

Mandar, governar,
é começar a nomear;
quando os nomes se proliferam
é tempo de parar.
Se souber quando parar
não corre perigo.

— Lao Tzu, Tao Te Ching,
a partir da tradução de
Ursula K. Le Guin

PARTE 1

o
problema
essencial

NORTE DA CALIFÓRNIA, NOVEMBRO

Convenção Ecológica Ação Agora!

lenk

No dia em que o mundo acabou, Lenk Sketlish (CEO e fundador da rede social Fantail) estava sentado por baixo das sequoias, numa localização designada de beleza natural, e tentava inalar a partir do umbigo.

Ao longe, os cumes das montanhas encontravam-se cobertos de neve, com as suas curvas e fissuras a inspirar a imaginação. As árvores mais próximas tinham tons castanhos, tanto avermelhados como amarelados, e verdes-acinzentados. Os troncos das sequoias eram sólidos, canelados e enrugados, como se enrolados por plantas trepadeiras; as suas superfícies macias, cobertas por musgo e erva a nascer; pequenos insetos arrastavam-se por entre a densa massa. O céu estava azul esbatido, típico do fim do outono, pintalgado por nuvens visíveis por entre os ramos espiralados. No entanto…

A professora de meditação assobiava pelo nariz.

Cada vez que voltava a «respirar fundo desde a barriga», o silvo destoava dos sussurros gentis das árvores como uma motosserra. Ela deve ouvi-lo. Certamente ouvia. Não parecia ouvir. As sequoias estremeciam, as folhas de novembro estavam prestes a cair, e tudo deve seguir em frente, como ela não parava de o relembrar.

Nem tudo seguiria em frente para Lenk Sketlish, se dependesse dele.

— Deixa a tua barriga ficar suave enquanto inspiras — disse a professora. Ela enrolava o duplo erre em «barriga», como se fosse italiana. Não era italiana. Lenk pedira a Martha Einkorn, a sua assistente executiva, para o confirmar após o primeiro dia. A instrutora de meditação era do

Wisconsin, terra do «squeaky cheese»[1]. Estava sempre a dizer «barriga». Ele devia guardar luz na sua barriga, sentir o calor na barriga, aninhar-se dentro da própria barriga e deixar-se sempre levar pelo seu chio fanhoso e os seus erres infinitamente enrolados. O que crescia dentro da barriga de Lenk Sketlish era uma irritação acídica, embrulhada em ira.

Sequoias. De volta às sequoias. A imponência da natureza, beleza simples. O caminho desgastado que sobe pela encosta, a corrente do regato. Inspirar, expirar. O mundo tal como é, momento a momento, e ele, também, parte dele. Sem estar disperso, nem irado, sem pensar nos acordos da expansão da Fantail no Uruguai e no Myanmar, apesar de não haver dúvidas de que alguém ia fazer merda na sua ausência.

Estar presente. Aqui. Sentir a respiração no umbigo, o centro do seu corpo, sim, boa, o umbigo a subir e a descer e… o apito nasal acrescentou uma nova nota. Ligeiramente mais grave do que a primeira. Barítono? Contralto? Será que ela não ouvia? Porque não assoava o nariz antes de vir para as sessões? Nem Martha, nem ninguém no conselho dele, nem nenhum dos lacaios de Martha descobrira se esta professora de meditação cinco estrelas, topo de gama assobiava do nariz? Simplesmente confiaram cegamente?

— Respira dentro do corpo — a sua voz era baixa e cadenciada. — Não te é pedido nada neste momento.

Obviamente, isto não era verdade, uma vez que ele tinha de estar ali, uma vez que o seu conselho lhe dissera já há algum tempo que se ele não conseguisse controlar a sua raiva, havia sérias questões sobre se ele teria um futuro na Fantail, algo tão disparatado quanto esta mulher, com toda uma secção de sopro digna de uma orquestra no seu nariz, a fazer-se passar por uma fonte de calma. Ele alinhara com tudo isto; entrara no joguinho. Se achavam que iam fazer com ele o mesmo que Ellen Bywater fizera a Albert Dabrowski na Medlar, chutá-lo para fora da sua própria empresa, bem, tinham de repensar o assunto. Mas iriam fazê-lo: dir-lhe-iam que o seu estilo de liderança não estava a funcionar, que não estava numa jornada de aprendizagem; iriam excluí-lo

[1] Pedaços de queijo fresco conhecidos por produzirem um chio ao serem trincados. [*N. T.*]

lentamente, de início, e depois muito rápido. Já o vira. A história de Albert Dabrowski era um aviso. Ellen Bywater dirigia a Medlar agora. Sabia-se lá onde estava Albert Dabrowski. Alguém se importava?

— Está verdadeiramente presente neste momento — murmuravam as trombetas mucosas. — Permite a ti mesmo confiar no momento.

Ele estava ali para mostrar a sua boa vontade. Não era um bebé imaturo; gerira a Fantail com sucesso durante quase duas décadas, criara-a a partir de nada a não ser uma ideia e uma sensação de uma onda muito distante que se formava no oceano. Agora, em 127 países pelo mundo fora, se querias falar para um público em massa, começavas com o FantailStream; se querias vender algo, criavas uma FantailStore; se querias fazer comércio internacional, usavas o FantailSeamless para pagar com FantailCoin. Quando uma nação falava com outra nação, faziam-no através da Fantail.

E Lenk conseguia lidar com a parte seguinte, a parte de lidar com o público e ser amigável. Com as audiências antitrust, com esta parvoíce da conferência ecológica Ação Agora! com a Anvil e a Medlar. Ele conseguia lidar com isto. Manter-se-ia calmo, sem atirar esculturas de cerâmica dispendiosas a divisórias de vidro com gravuras dispendiosas, e mais ninguém teria de ir para o hospital com um caco de vidro no olho. Isso foi um erro. Arrependia-se disso. A meditação é forçada, mas funciona; basta respirar a partir do umbigo. Focar nas inspirações. Nas expirações. Ele costumava gostar destas coisas em Harvard. Um dos seus colegas de quarto dera-lhe uma *playlist*. Longas noites de programação, depois dez minutos disto e vais da exaustão stressada ao sono profundo e ditoso. Tinha algo de interessante. Zimri Nommik da Anvil ia para um casulo qualquer no deserto todos os anos para fazer dez dias de silêncio e jejum e despejar água pelo nariz. Ou pelo cu. Um dos dois. Zimri Nommik, a construir armazéns e redes de distribuição, a fazer o envio de tudo o que há nesta Terra, já a tentar apanhá-lo com o AnvilChat e a AnvilParty, a tentar agarrar tudo para o seu bucho devorador e…

— Se deres conta de que os teus pensamentos se distraíram — a instrutora inspirou profundamente com uma pieira de acordeão —, não te espantes. Simplesmente regressa gentilmente à respiração. Este momento

é tudo de que precisas. — Mas este nunca fora o caso. O momento desaparecia mal reparava nele. Ali não podia haver recompensa nem riqueza. Ele precisava da luz ao fundo do túnel, da tentadora força do tempo, a onda distante a formar-se no oceano.

— Respira fundo desde a barriga. Lembra-te de que apenas ficamos ansiosos sobre coisas que podem acontecer no futuro. Mas o futuro não está aqui. O futuro é imaginário e todas as suas promessas e medos são imaginados. Podemos permanecer neste momento — disse ela. — Está tudo bem com o que está a acontecer.

Mas muitas vezes, não estava tudo bem com o que estava a acontecer. Quase nunca estava bem. Precisava de retoques, cuidados, arranjos e empurrões constantes. Sem a intervenção dele, o momento seria perdido, e o próximo, e o próximo, cada onda passando e ele ainda a boiar no mar frio, com o calor a deixar os seus ossos, a morte a erguer-se para o engolir por inteiro. Sem estar atento ao que pode acontecer, uma vida inteira pode ser devorada, algo que acontece à maioria das pessoas.

— Não há forma de saber realmente o que vai acontecer a seguir — disse a instrutora.

Bem, então estava tudo fodido. Não havia forma de saber. O próximo momento poderia reservar qualquer coisa. Poderia haver oportunidades, novas ideias apanhadas por outra pessoa, um concorrente pronto para usurpar a fortuna dele. Poderia haver Ellen Bywater, a ladra de empresas, a virar o olho que tudo vê da Medlar na direção dele; as suas peças de *hardware* brilhantes e elegantes a tornarem-se a alternativa aspiracional à Fantail quotidiana. O Medlar Torc era a coisa nova dela: todas as tuas necessidades de comunicação tratadas num aparelho estiloso. Agora, ela parecia sempre um passo à frente dele, seduzindo e tirando-lhe os seus principais grupos demográficos, da mesma forma que roubara a Medlar. Poderia haver novos produtos dela, mas claro que poderia haver um sismo, um ataque cardíaco repentino, uma bomba largada bem longe por um ditador instável, uma pandemia global. Qualquer coisa.

Lenk Sketlish era um homem poderoso que construíra a sua carreira no futuro, conhecendo-o, cheirando-o, sentindo-o mais presente à sua volta do que o presente. O futuro era o seu lar e consolo; a urgência

do amanhã, da próxima década, do próximo século pressionavam-no e empurravam-no em frente.

— Não há sequer forma de saber realmente o que vai acontecer um segundo no futuro.

Não, pensou Lenk Sketlish, isso não vai dar para mim.

O ecrã-fino no seu pulso emitiu um toque baixo mas urgente. A instrutora franziu a testa, e um pensamento satisfatório passou pela mente de Lenk: Ah, vês, não há forma de saber realmente o que vai acontecer a seguir, não é? Olhou para o ecrã-fino; seria uma emergência na Albânia ou na Tailândia, uma decisão a ser tomada e um problema a ser resolvido, alguma desculpa maravilhosa e financeiramente incontestável para terminar a sessão mais cedo. Mas não era. A pele do seu rosto apertou-se; os olhos estreitaram-se ao ler a notificação. Não era uma pequena escapatória. Era o fim dos tempos.

zimri

Zimri Nommik, CEO da gigante de logística e compra Anvil, só viu a notificação quatro horas depois porque (num momento raro para ele) estivera a foder a mulher.

Selah Nommik estivera com uma disposição estranhamente lábil na conferência Ação Agora! Ela adorava estas tretas dos eventos ambientais, era verdade. Já a vira chorar a sério pelos tigres e golfinhos e um líquen específico qualquer pelo qual tinha uma adoração. E era verdade que ele a surpreendera e duplicara a quantia do seu compromisso às zonas Futuro Seguro. Apesar de tudo, ainda apreciava quando ela lhe dirigia um olhar como se se recordasse da razão por que casara com ele.

Ele observara Selah a atravessar o palco; com a sua saia creme acima do joelho, as pernas e coxas firmes, parecia a Serena Williams no seu auge. Pensou: Foda-se, vai tudo para os advogados de qualquer maneira, e disse o dobro do que tinham concordado. Selah agarrou a mão dele e ergueu as suas palmas unidas como se tivessem acabado de vencer o campeonato. Enquanto fotos eram tiradas, enquanto o público vibrava, enquanto o número gigantesco aparecia no ecrã atrás deles, Selah baixou-se e sussurrou-lhe ao ouvido:

— Quero que me fodas. Agora.

Por isso, ele ia mesmo ter alguma ação, agora. Bastaram apenas 5,7 mil milhões de dólares a mais.

Foderam da maneira que ele gostava, mas com uma intensidade que não encontravam há anos. Contra a parede da suite, levantando-lhe a saia; no chão, ela a insistir que ele entrasse nela. No sofá, ela debaixo dele.

Por fim, na cama, ela em cima, a cavalgá-lo, os seus seios pesados nus, os seus mamilos grandes e escuros tão duros, o seu ritmo tão urgente, que apagou a memória e ideia de cada parte de todo o mundo e reduziu-o a um simples pontinho de prazer vivo e rendição completa.

— Raios partam! — disse ela, e colapsou nos lençóis emaranhados. Então, lembrando-se, virou-se e disse com uma ternura inesperada: — Estás bem?

Foi como se tivessem acabado de se conhecer e ela tivesse ouvido apenas agora sobre o miúdo asmático e totó que ele fora na escola, o filho de imigrantes estonianos judeus, o rapaz atirado para uma escola secundária do Minnesota que foi vítima de um *bullying* tão intenso pelo seu aspeto esquisito e sotaque e sintaxe estranhos (e ainda mais pela sua constante convicção insuportável da sua própria superioridade), que os miúdos da equipa de futebol americano o atiraram de um carro em andamento. Ela vira-o novamente, por fim.

Agora, Zimri Nommik tinha um treinador e uma dieta paleo, abdominais e mais dinheiro do que qualquer outra pessoa no mundo. Ainda parecia mal montado: os seus ombros largos e peludos e braços grandes pareciam pertencer a um homem diferente da sua estatura baixa e atarracada e feições pontiagudas. Mas não importava. Sabia que estava a correr-lhe tudo tão perfeitamente nos negócios que parecia uma profecia. O seu *timing* era impecável. A sua compreensão do mercado, da forma mais implacável e invencível de gerir uma organização, sem igual. Ainda assim, Zimri nunca conseguiria conter aquele rapazito desajeitado por completo. Sabia como ficava ao lado dos outros rapazes da escola, saudáveis, entroncados, com pele suave, cabelo loiro, dentes brancos, criados na quinta e bons em desportos. Nunca havia sexo suficiente ou sucesso suficiente para se esquecer por mais do que um mero momento.

Seria possível que Selah Nommik já soubesse que ele falara com os advogados? Teria sido por isso que fora tão bom? Ele agendara as reuniões para acontecerem enquanto ela visitava a família em Londres. Ela não podia *saber*, mas talvez, de alguma forma, tivesse intuído que isto era o fim, que em poucas semanas lhe seriam apresentados, de uma

só vez, uma riqueza extraordinária, um acordo de confidencialidade e a papelada do divórcio.

— Foda-se — exclamou Selah Nommik. — Porra, tenho aquela cena em Sonoma… tu sabes, a cena das mulheres. Tenho de ir andando.

Observou-a a vestir as cuecas e alisar a saia creme sobre o seu rabo glorioso. Apertar o sutiã de renda branca. Querer agarrar-se ao passado é uma fraqueza. Deve-se apreciar apenas o agora.

Os rapazes que o atiraram do carro em andamento foram visitá-lo ao hospital. Nessa altura, o maxilar dele estava ligado, preso na nova posição que ocuparia para sempre: ligeiramente para a frente, dando-lhe o aspeto de um jovem e ardente comunista a lutar pela vitória do povo. Apesar de saber que eram cinco rapazes, não se conseguia recordar agora de feições diferenciadoras; parecia que os poucos factos que sabia (que um tinha um riso que parecia um espirro; que outro revelou-se inesperadamente brilhante em física, mas o escondia) saltitavam dentro do grupo de rostos, com as características a serem atribuídas a um membro diferente a cada vez. Por vezes, desejava ter registado tudo por escrito, e noutras ficava feliz por não o ter feito. Quando o visitaram no hospital, agiram como se tivessem pregado uma partida magnífica todos juntos, que o seu rosto fora desfeito numa brincadeira em que ele não fora um participante involuntário, mas sim um aventureiro. «Lembras-te…», dissera um, a rir-se, «Lembras-te de quando estavas a cair para fora, como te agarraste ao cinto de segurança?»

Foi naquele momento que Zimri soube que por mais que mantivesse a sua versão da história, aqueles rapazes nunca recordariam aquilo como nada mais do que uma partida. Aprendera que não havia certeza a ser encontrada nos outros. A única segurança era ser suficientemente independente para sobreviver. Qualquer indício de amizade poderia sempre revelar-se como as ligeiras manobras ao longo do assento de um carro, por um grupo de jovens intercambiáveis a rirem-se, a empurrarem até um último movimento fátuo o atirar para o ar insubstancial.

Selah Nommik abotoou a blusa. Adeus àqueles seios, àqueles mamilos, àquelas coxas. Era assim que tinha de ser. Ele vivia em São Francisco, por amor de Deus; haveria sempre outra. Ela beijou-o com uma ternura

intensa, olhou-o nos olhos, e ele pensou novamente: Será que ela sabe? Mas não poderia saber. Apenas pressentia algo. De seguida, saiu.

Era tarde. Lenk Sketlish convidara-o para a sua meditação matinal. A resposta era não. Não apenas porque não conseguia de todo aturar Lenk, mas também porque um orgasmo daquela qualidade não podia ser desperdiçado. Zimri preparou o seu AnvilSleepSystem para o acordar às seis. Pela sua experiência, um orgasmo extraordinário, que o fazia esquecer de si mesmo, seguido por um sono profundo, um banho gelado e uma corrida longa, criaria ideias com um valor entre os 10 e os 20 mil milhões de dólares, amortizados ao longo de um período de dez anos. Indicou ao seu AnvilFocus que não poderia haver interrupções, absolutamente nenhuma, por que razão fosse, até terminar a sua corrida. Nada de nada até ao meio-dia.

No dia seguinte, numa típica manhã de novembro, o lago estava frio e límpido. Havia neblina sobre ele, a acumular-se em nuvens soltas, a vaguear como se tivessem vida própria. Cinco aves aquáticas mergulhavam para apanharem potamogetonáceas e tagarelavam entre si. As sequoias ao longe pareciam rabiscos contra o céu. Zimri Nommik, respirando pesadamente, sentou-se na margem, tirou o caderno digital do bolso e anotou várias ideias sobre sinergias entre as linhas de produção e de distribuição no sudeste asiático. Começou a devanear, observando as sinuosidades da maré e contramaré, o vento a passar pela superfície do lago, o tempo todo sem ver o mundo em si, mas sim o mundo da metáfora e simbolismo no qual cadeias e fábricas, indústrias e países eram contas coloridas a serem movidas uma e outra vez até a sua operação lhe agradar.

Estava num transe de produtividade quando o AnvilFocus silenciosamente se desligou precisamente ao meio-dia. O clip no colarinho da sua camisa começou a vibrar. Folheou o caderno digital até à plataforma no fim das páginas. E ali estava. Olhou para a notificação por algum tempo, depois novamente para o lago. Coçou a orelha. Dependendo do tipo de merda que estavam a enfrentar, poderia ser o fim para este lago, para as aves aquáticas, para os lagos em geral. Mais valia desfrutar da vista enquanto durava.

Selah ligou-lhe enquanto ele regressava à cabana.

— Foda-se — disse ela. — Zimri, a sério, tenho estado a tentar falar contigo a manhã toda. Isto é real?

Ele pensou em como poderia ser agora. Sem tempo para encontrar alguém novo. Seria ela a ir para o *bunker* com ele. Podia dizer: «Não, é um teste, fica em casa.» O vento agitou as árvores e uma rajada de folhas desceu até à superfície plana do lago.

— É real — respondeu. — Um avião vai buscar-te. Entra nele.

— O quê? Não vamos juntos?

— O protocolo é não fazer nada que chame atenção para a nossa saída. Deslocação normal. Sabes disso. Parece que vou… — riu-se. — Foda-se, Selah, vou estar num avião com o Lenk e a Ellen.

— Oh, céus — disse ela. — Mais vale tu do que eu.

— Não podemos falar agora — interveio —, não até estarmos no avião, com o nosso próprio *wi-fi*, OK?

— Está bem — disse ela. Depois: — Estou assustada.

— Vemo-nos no *bunker*. Não no de Haida Gwaii, porque houve um problema. No escocês. Vai correr tudo bem.

Poderia ser bom, pensou. Até poderia ser melhor do que tinha sido. O que quer que fosse acontecer ao mundo, ele ficaria bem. E se as coisas não funcionassem com Selah, ainda haveria forma de encontrar alguém novo.

ellen

No apartamento *penthouse* revestido de madeira da sua *villa* com vista para o lago na convenção Ação Agora!, Ellen Bywater, CEO da Medlar Technologies, a empresa de computadores pessoais mais rentável do mundo, tentava «fazer as malas». As suas mãos tremiam.

Will, o seu falecido marido, estava sentado na poltrona de madeira virada para o lago, observando-a. Ele perguntou-lhe: Decisão complicada?

— Para ti não há problema — respondeu ela. — Estás morto. Vais para onde vou.

Iria para onde vais mesmo que ainda estivesse vivo, disse ele. Até mesmo aos confins da Terra.

Ela sorriu para a cadeira vazia. Não era que não soubesse que ele morrera. Não era maluca, afinal. Ele era apenas um hábito difícil de deixar.

O evento Ação Agora! fora ideia de Ellen. Quer dizer, não foi exatamente ideia dela. Albert Dabrowski, o fundador da empresa dela que fora expulso, fizera um donativo enorme para a Ação Agora!, pelo que ela teve de fazer um maior e ir também ao evento para que parecesse bem.

Will teria posto o braço à volta dos ombros dela, beijado o topo da cabeça e dito: «Isto alivia a tua consciência?» Ela teria encolhido os ombros e ele teria dito: «Prefiro a tua consciência aliviada.»

Dava por si ainda a falar com ele, sendo capaz de preencher a conversa do lado dele quase precisamente. Por vezes, na casa deles, via-o ao fundo das escadas, o seu corpo comprido e as suas pernas arqueadas de cavalete a desaparecerem para a sala de jantar enquanto ela

descia os degraus. Ele tinha orgulho nas suas pernas: aos sessenta e quatro anos, ainda tinha bons joelhos para caminhar. No dia em que faleceu, os seus joelhos estavam a funcionar perfeitamente bem.

— A minha mente anda às voltas — ela admitiu. — Tenho medo.

Will compreendia. Claro que tinha medo. Ninguém *queria* que o mundo acabasse.

A notificação tinha informação sobre o protocolo. Ela própria escrevera o protocolo, há algum tempo. Para o caso de um desastre.

«Ellen, não traga todos os seus pertences», dizia o seu SmartPin. «Traga apenas coisas pequenas com valor sentimental. As suas necessidades serão atendidas.»

E eu?, disse Will. Sou uma coisa pequena com valor sentimental?

Ellen mandou-o à merda.

— Os protocolos dos miúdos foram ativados? — perguntou Ellen.

O SmartPin respondeu:

— Os seus filhos foram notificados. Estão a caminho do transporte.

— Até ê Badger?

Will lançou um olhar intenso a Ellen. Badger era ê seu filhe mais nove e não-binárie com um posicionamento político radical. Badger mencionara várias vezes que não aprovava todo este sistema de avisos, jatos privados e *bunkers* escondidos na Nova Zelândia.

O protocolo era não fazer chamadas nesta situação. Não servia de nada ter um lugar seguro e confortável onde aguentar uma catástrofe global se todos soubessem que ias embora e pudessem seguir-te. Trancar as portas antes que alguém soubesse que tinhas ido embora. Era esse o plano. Ainda.

— Liga ae Badger — disse Ellen.

Uma agonia de batimentos cardíacos ribombantes antes de Badger atender a chamada. O seu rosto, projetado na parede da suite, estava muito próximo do ecrã. Nunca queria que a mãe visse onde estava. Mais cortante do que um dente de serpente.

Ainda assim, Badger parecia assustade. Isto fez com que Ellen sentisse uma certa satisfação sinistra. Vês? A tua mãe ainda sabe algo que vale a pena saber.

— Também vens? — perguntou Ellen. — Recebeste o alerta?

A testa de Badger enrugou-se. Oh, aquela pequena ruga que tinha desde que era um bebé recém-nascido a chuchar ruidosamente no mamilo. Aquele olhar de foco intenso.

— Mãe? Está um carro lá fora. Não sei o que fazer.

Ah, como Ellen tinha saudades disto. Ser mãe de Badger sempre fora complicado. Mas o seu bebé precisava dela.

— Entra no carro. OK?

— OK.

Uma pausa. Então, por fim, aprofundou ainda mais as rugas.

— Posso trazer…

— Podes trazer duas pessoas. Diz-lhes para não trazerem os telemóveis, OK? Anvil Clips, Torcs, qualquer coisa. Diz-lhes que são umas férias. Diz-lhes que te obriguei e que me odeias. OK?

Badger largou um longo suspiro. As suas doces sardas espalhadas sob os olhos como estrelas.

— OK. Depois vemo-nos, certo?

— Em menos de um dia, queride. Prometo.

Ellen Bywater recompusera-se. Antes de o carro chegar, sentou-se em frente ao espelho, aplicou batom e limpou o excesso. Optava por fazer ela mesma estas coisas.

Will disse: Maquilhaste-te sozinha para o nosso casamento. Mil novecentos e oitenta e nove e pintaste os redemoinhos dourados, vermelhos e amarelos à volta dos teus jovens olhos. Observei-te. Como uma artista com delicados pincéis de pelo de camelo e frasquinhos dourados. Como uma sacerdotisa.

— Parecia que tinha levado um belo de um soco no nariz. — Mas afinal, é a vida que te dá socos até o teu rosto ficar irreconhecível. — Não me vais ver a ficar cheia de rugas — disse a Will.

Will mencionou: Já tinhas rugas quando morri, lembras-te? Eu beijava as tuas rugas.

— Às vezes gozavas com elas.

Às vezes gozávamos um com o outro. Éramos assim. Sempre acreditei em ti.

Ellen olhou para Will, que não estava lá. No que acreditavam eles, afinal?

Às vezes, sabia o que ele teria dito como se estivesse ali mesmo. E, às vezes, tinha de descobrir; odiava esses momentos, em que sabia que ele partira de vez.

Por fim, Will disse: Sempre deste o teu melhor pelos teus acionistas e funcionários.

Não havia muita coisa para levar. Pegou no relógio. Pegou na camisola amarelo-topázio e no colar dourado que ficava sempre tão bem com a mesma. Pegou no portátil, no telemóvel e no Medlar Torc. A ideia de «fazer as malas» era em si uma coisa pequena com valor sentimental.

Apesar de ser extremamente contra o protocolo, Ellen verificou o grande *site* sobrevivencialista Name The Day. Se algo tivesse sido descoberto, se alguém soubesse que o grande evento vinha aí, estaria algures no *site*. Mas não havia nada fora do comum. Tropas no mar do Sul da China. Uma explosão num oleoduto no leste da Europa. As tretas do costume. Aquelas pessoas não sabiam de nada que tivesse vindo ao de cima. Ainda assim, algures por aí fora, algo estava a acontecer. Os alarmes não disparam sem motivo. Algures no mundo, uma situação que costumava estar praticamente sob controlo estava a passar para «completamente fora de controlo». Uma reação em cadeia. Algures na selva, havia um tigre.

lenk

Já era de noite no aeródromo. Os minipods por condução óssea de Lenk Sketlish tocavam *Gimme Shelter*, dos Rolling Stones. Dentro do seu crânio, os Beatles tinham-se separado, os anos sessenta tinham acabado, a revolução violenta estava no ar e, agora, tudo poderia acontecer. Sentia-se vivo, pensou, verdadeiramente pela primeira vez na sua vida. A viagem de carro noturna, a batida da música na sua cabeça, o futuro estava a meros momentos de acontecer. Fora para isto que planeara. Era o começo da meia-noite. Era o suave termo do velho mundo e o nascimento do novo.

Exceto que, quando chegou ao hangar, Zimri Nommik estava lá com o seu sorriso enervado, e Ellen Bywater batia com o dedo violentamente no telemóvel, dizendo:

— Não há rede. Não tenho rede desde que saímos da convenção.

Ela já estava em pânico. Ele sabia disso. Ela nunca pensara que isto iria mesmo acontecer. Não iria aguentar um mês após o fim da civilização.

O avião mais próximo da conferência era um dos jatos privados de Zimri. O piloto sabia a mesma história que o pessoal de terra, a mesma história que acabaria por ir para a imprensa. Os três CEOs da tecnologia estavam numa sessão fechada para negociações. «Sinergias de alto nível entre infraestruturas tecnológicas que levarão a medidas de diminuição da emissão de carbono.» Este avião não os levaria diretamente para o destino, mas para uma escala próxima onde Lenk e Ellen entrariam nas suas próprias aeronaves. Saindo rapidamente, tinham todo o tempo de que precisavam para garantir que não eram seguidos. O avião

de Zimri, obviamente, desligaria o seu transmissor-recetor mal estivessem fora do alcance de radar. Não faria sentido deixar alguém seguir-te para o teu *bunker.* Uma das próprias localizações de sobrevivência de Zimri fora revelada recentemente por um maldito jornalista do Name The Day. Era sempre esse o risco.

A porta do avião abriu e as escadas baixaram até ao solo com um sibilo tranquilizador. Nem sequer conheceriam o piloto.

— Há *wi-fi* no avião — anunciou Zimri ao subirem os degraus. Lenk conseguia perceber que Zimri já calculava e recalculava probabilidades. O facto de o avião ser seu dava-lhe alguma vantagem? Ou seria, de alguma forma, uma desvantagem? Não haveria mais disto no novo mundo, mais destas neuroses de abundância. Haveria uma vida mais simples, mais pura.

Os condutores ósseos de Lenk passaram para *Goats Head Soup* e a guitarra levou-o até ao futuro. Seria em breve agora, e apesar de uma grande parte da sua mente saber que isto ainda podia ser, considerando as coisas, um pequeno apocalipse, pelo menos para eles (um ano ou cinco de inconveniência e oportunidades de negócio), Lenk deu por si em paz. O avião levantou voo tão suavemente como um longo gole de água fresca. Numa maneira de o ver, não eram eles que partiam de todo. A Terra descolava-se do avião, a vida que eles conheciam afastava-se. Não estavam a deixar o mundo para trás, o mundo é que os estava a deixar a eles.